

Meios de comunicação e Aldeia Global: Globalização, desglobalização e interculturalidade

Media and Global Village: Globalization, deglobalization and interculturality

Patricio Dugnani

Doutor em Comunicação e Semiótica PUC/SP, Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP e Bacharel em Artes Plásticas pela Unesp. Professor nas áreas de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Artes do Colégio Giordano Bruno. Pesquisador do Grupo de pesquisa Observatório da Imagem e pesquisador no grupo de pesquisa (CNPQ) Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor e Ilustrador com os seguintes livros publicados: A Herança Simbólica na Azulejaria Barroca (2012). O Livro dos Labirintos (2004). Ovelhas e Lobos (2002), Beleléu (2003/ PNL 2004), O Seu Lugar (2005/ PNL 2006), Um Mundo Melhor (2006), Beleléu e os Números (2009), Beleléu e as Cores (2010), Beleléu e as Formas (2011), Beleléu e as Palavras (2014), O que é preciso para voar (2020). Pesquisador e Autor de artigos científicos das áreas de Comunicação, Sociologia Aplicada, Artes e Semiótica. Email: patricio.dugnani@gmail.com

Resumo

Na sociedade pós-moderna nota-se o aumento do individualismo, ao mesmo tempo uma fragmentação das organizações sociais e políticas. Ou seja, o processo de Globalização pelos meios de comunicação, ao invés de reunir, parece fragmentar a sociedade. Nota-se, paradoxalmente, uma tendência globalizante sustentada pelos novos meios digitais, e uma tendência desglobalizante ditada pelas instituições. Por causa dessa constatação, esse artigo pretende refletir sobre o processo de fragmentação em comunidades virtuais contemporâneas, contrapondo as ideias de globalização e aldeia global, perante a possibilidade de ser a comunicação intercultural, uma potência para buscar soluções para essas questões.

Palavras-Chave

Aldeia Global, Globalização, Desglobalização, Interculturalidade.

Abstract

In postmodern society there is an increase in individualism, at the same time a fragmentation of social and political organizations. In other words, the process of Globalization by the media, instead of bringing it together, seems to fragment society. Paradoxically, there is a globalizing trend supported by the new digital media, and a deglobalizing trend dictated by the institutions. Because of this observation, this article intends to reflect on the fragmentation process in contemporary virtual communities, contrasting the ideas of globalization and global village, before the possibility of being intercultural communication, a power to seek solutions to these issues.

Keywords

Global Village, Globalization, Deglobalization, Interculturality.

Introdução

Houve um tempo em que os seres humanos falavam todos a mesma língua, até que veio Babel. Retirando a parte dramática da frase inicial, muitos já conhecem a narrativa bíblica da Torre de Babel. Segundo essa narrativa os seres humanos queriam construir uma torre tão alta que possibilitasse alcançar o céu, e, conseqüentemente, chegar mais perto de

Deus. No entanto, insatisfeito com essa ambição humana, que se assemelha muito à ideia da *hybris* grega (orgulho, arrogância, descomedimento), Deus fez cair um raio e destruiu a torre, mas não sem antes castigar os seres humanos, fazendo que começassem a falar línguas diferentes, o que, de maneira mítica, explicaria a origem das diversas tribos e etnias que compõem o globo terrestre.

A *hybris* pode ser observada nas narrativas da mitologia grega, muito próxima dos heróis, como Ulisses, na Odisséia de Homero, que desafia os deuses, em especial Poseidon, o que acaba por acarretar problemas sérios para o seu retorno à Ítaca, depois da guerra de Tróia. A *hybris* tem muito a ver com essa visão orgulhosa do ser humano perante os deuses e na arrogância ao desafiar-los (RODRIGUES, 2015 e VIGNERON, 2000).

Foi assim com Ulisses, foi assim com a Torre de Babel, e, é possível, que seja assim com a visão que parece cada vez mais utópica de uma sociedade global, reunida em torno de ideias comuns, uma comunidade do planeta Terra: uma Aldeia Global (MCLUHAN, 2016).

Claro que não se pretende, aqui, discutir as questões simbólicas e míticas, pois não é o objetivo desse texto, mas sim debater sobre uma questão central que envolve conceitos como Globalização, Aldeia Global, e o processo de fragmentação e aceleração que a sociedade vem apresentando, principalmente, a partir do século XX. Contudo, a narrativa bíblica da Torre de Babel, ilustra uma questão que envolve a ambição, o orgulho humano – *hybris* – e as consequências desse posicionamento. No entanto nesse artigo, pretende-se, no campo teórico das ciências da comunicação, se basear, mais especificamente, nas teorias dos meios para desenvolver a argumentação. Priorizando uma visão crítica sobre a ideia de uma Aldeia Global, preconizada por Marshall McLuhan (2016).

McLuhan (2016) projeta em sua teoria dos meios a ideia que, com o avanço tecnológico dos meios de comunicação, chegaria o dia em que toda sociedade do globo terrestre poderia formar uma só comunidade, uma só tribo, a qual ele denominou Aldeia Global. Contudo, com o advento dos meios digitais, o que parecia ser uma possibilidade de concretização dessa utopia - de um só humano, para um só planeta - acabou se tornando uma negativa a esse processo. Quando se observa hoje a sociedade é possível notar, segundo Bauman (2001), um aumento do individualismo e segundo Norval Baitello (2015), ao invés da união entre as nações, a “pulverização das grandes comunidades em múltiplas “tribos”” (BAITELLO, 2015, p. 18). Ou seja, o processo de Tribalização pelos meios de comunicação, descrito por McLuhan (2016), ao invés de reunir, fragmentou a sociedade. Nota-se hoje, paradoxalmente, uma tendência globalizante possibilitada pelos novos meios digitais, e uma tendência desglobalizante ditada pelas instituições (DUGNANI, 2018).

Por causa dessa constatação, esse artigo pretende refletir sobre o processo de fragmentação em comunidades virtuais, fenômeno típico da sociedade contemporânea, influenciado pelo uso dos meios de comunicação digitais, a internet e as redes sociais. Pretende-se, também, com isso, refletir sobre como a interculturalidade (FERRARI, 2015) se apresenta como uma proposta para buscar uma solução para essa contradição das tendências e discursos globalizantes e desglobalizantes com seu efeito de fragmentação na sociedade pós-moderna.

A visão metodológica que engloba esse artigo parte de uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida para identificar os paradigmas que compõem o momento contemporâneo, denominado a partir de agora como Pós-modernidade, pelo viés das transformações impressas pelo advento de novos meios de comunicação. Esse método mais busca relacionar as ideias de Marshall McLuhan (2016) e a teorias dos meios, com a busca de Michel Foucault (1990) em constituir um método arqueológico de análise: sua Arqueologia do Saber. Toma-se, dessa forma, como uma visão metodológica, o interesse em revelar os paradigmas e assinaturas dos discursos que compõem o pensamento de uma determinada época, nesse caso, a Pós-modernidade, a partir da análise dos efeitos do uso dos meios de

comunicação na sociedade. Essa estratégia pretende compreender o pensamento de uma época, de acordo com o método da Arqueologia do Saber de Foucault (1990), e pela atualização à essa visão metodológica, descrita por Giorgio Agamben, em seu livro *Signatura Rerum* (2019), somada à teoria dos meios. Essa reflexão metodológica, enfim pode contribuir com a compreensão de como o uso dos meios de comunicação pode produzir transformações de comportamento e consciência na sociedade.

Aldeia Global e globalização: uma utopia?

Mcluhan (2016) em seus estudos dos meios observa os meios de comunicação de forma diferenciada. Se antes os meios eram tratados como meros transmissores, suportes materiais das mensagens, com Mcluhan (2016) ganham uma nova dimensão: o meio como extensão. Mas o que deve se entender como extensão?

Os meios seriam uma extensão da percepção humana, de seus sentidos, e, mesmo, uma extensão do próprio sistema nervoso humano. Assim sendo, os meios ganham, com essa nova visão, um novo papel. Um papel de protagonista das transformações humanas, ao invés de coadjuvante nos processos de comunicação. Para Mcluhan (2016), como apresentado em uma de suas frases mais polêmicas, é informação pura.

Dessa forma, partindo do conceito de informação, como sendo um conteúdo que altera comportamento e consciência humana (COELHO NETTO, 2012), Mcluhan (2016) relaciona os meios de comunicação à informação, chegando à sua máxima equivalente à anterior, porém mais conhecida: o meio é a mensagem. Mas por que o meio é mensagem?

Para Mcluhan (2016) o meio é mensagem, e o meio é informação pura, pois mais do que transmitir um conteúdo, o meio como extensão do ser humano, acaba por provocar transformações na sociedade em geral. Ou seja, o advento de uma nova tecnologia dos meios de comunicação, por si só, acaba por alterar comportamento e consciência dos seres humanos. Por isso, o meio é mensagem.

Para o pesquisador o simples uso dos meios de comunicação, ou seja, apenas a inserção de uma nova tecnologia no processo de comunicação produz essas transformações. Por isso o meio é informação pura, pois para além das informações que transmite, ele já é uma informação, ou melhor, uma informação pura. Pensando por esse viés, a cada grande revolução tecnológica dos meios de comunicação, uma grande transformação política, social e cultural vem a reboque.

Foi assim com o surgimento da fala, da escrita, dos meios impressos, dos meios elétricos, dos meios de comunicação de massa, e hoje, com os meios digitais. Cada uma dessas revoluções tecnológicas marca um momento de grande transformação na organização e, mesmo, na percepção, na compreensão do mundo.

Por causa dessa visão, no livro *Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (2016), Mcluhan faz um grande levantamento, com uma análise particular, de grande parte desses momentos em que foram introduzidas novas tecnologias na história da humanidade. A partir dessa análise ele chega a seus conceitos principais. Porém, para esse artigo, se pretende debruçar sobre as ideias de tribalização, destribalização e retribalização, além, é claro, da projeção dessas ideias como formadoras do que o autor chamaria de Aldeia Global.

Tribalização, destribalização e retribalização são conceitos relacionados à ideia de tribo, como o próprio nome apresenta. Nesse sentido, Mcluhan (2016) classificaria os meios de comunicação como sendo tribalizantes ou destribalizantes. Mas o que seria essa ideia de tribalizantes ou destribalizantes?

Os meios tribalizantes seriam aqueles capazes de produzir uma aproximação dos indivíduos em torno de ideias comuns de uma comunidade, enquanto meios destribilizantes seriam aqueles que produziram a fragmentação de uma comunidade, ampliando seu individualismo.

Os meios tribalizantes seriam capazes de produzir um efeito nas relações sociais similar à uma comunidade tribal, uma aldeia. Ou seja, num processo de tribalização, uma comunidade desenvolveria uma relação mais próxima, mais íntima, e que compartilhariam de valores mais semelhantes. Como em uma pequena tribo, os indivíduos se conheceriam e seriam capazes de construir uma comunidade que valoriza mais a sua coletividade. Para Mcluhan (2016), por exemplo, seriam meios de comunicação tribalizantes a fala, os meios elétricos, e, a princípio, como deveria se esperar, os meios digitais. Essa série de ressalvas feitas, é um dos problemas centrais desse artigo, pois a projeção de Mcluhan (2016) no que poderia se esperar dos meios elétricos e seus desdobramentos (meios de comunicação de massa e meios digitais) ao que parece não está querendo se cumprir. Nesse sentido, apoiado na visão de Theodor Adorno e Max Horkheimer (2000) da Escola de Frankfurt, essa visão funcionalista de Mcluhan (2016) não passa de mais uma versão da promessa não cumprida feita no Iluminismo: a tecnologia vai libertar o ser humano da alienação e produzir um processo de esclarecimento. No entanto essa crítica será ainda retomada mais adiante.

Voltando à questão, meios tribalizantes, são aqueles capazes de reproduzir as relações tribais, de valorização da coletividade, em diferentes momentos da civilização humana, seja num passado distante, seja no momento mais contemporâneo, denominado Pós-modernidade.

Em oposição ao efeito desses meios, surgem os meios que Mcluhan (2016) define como destribilizantes, ou seja, aqueles que produzem um efeito contrário: o de fragmentação da sociedade, e de aumento do individualismo. Esses meios, devido o formato de seu registro poderia produzir, ao invés de um intenso compartilhamento de informações, possibilitariam o desenvolvimento da posse, da retenção das informações, por causa do poder que elas poderiam dar para determinados grupos ou classes. Seriam meios destribilizantes, por exemplo, a escrita e o meio impresso.

Com isso, Mcluhan (2016) traçou cronologicamente a introdução dos meios tribalizantes e destribilizantes na sociedade e esse mapa se identificaria por um período inicial de tribalização, pelo advento da fala, substituído por um período de destribilização, com o desenvolvimento da escrita moderna (fonética) e as tecnologias tipográficas no desenvolvimento da prensa móvel. Depois das destribilização, se chega ao momento moderno e contemporâneo, denominado pelo autor, como sendo o de retribalização. Ou seja, com a introdução da eletricidade nos processos de comunicação, surgiram os meios elétricos e seus desdobramentos: meios de comunicação de massa e meios digitais.

De acordo com a previsão de Mcluhan (2016), a partir do final do século XIX, e no século XX, devido aos meios elétricos, a sociedade caminharia para um processo de retribalização, rompendo com um longo período de destribilização (que vai de em torno de 3.000 a. C. até o século XIX d.C.) ocasionada pelo foco hegemônico das comunicações estarem voltadas para a escrita e, seus desdobramentos. Esse processo, para Mcluhan (2016) é que levaria a sociedade a se organizar de maneira tribal, uma tribo com alcance mundial, cuja percepção de seus indivíduos seria estendida pelos meios elétricos: uma aldeia global.

No entanto, como dito anteriormente, essa previsão, alinhada ao que parece à visão otimista e funcionalista do autor, e iludida pela promessa Iluminista, que mais uma vez não parece querer se cumprir, os meios elétricos, principalmente seu desdobramento contemporâneo, os meios digitais, ao contrário de produzir a tribalização, estariam semeando a destribilização. Esse processo de fragmentação das massas, desenvolvidas no período da hegemonia dos usos dos meios de comunicação de massa, estaria produzindo novos problemas. Como afirma Norval Baitelo (2020), os novos meios digitais estariam criando uma

fragmentação das massas em pequenas comunidades, o que acaba por produzir, não a valorização da coletividade, mas sim, o aumento do individualismo. Já para Dugnani (2018) o momento contemporâneo da Pós-modernidade tem produzido um efeito, também diverso do descrito por McLuhan, mas não por causa do uso dos meios digitais, mas pela política humana. Dugnani (2018) afirma que os meios têm potencial de ser globalizantes, mas os governos resistem, criando novas fronteiras para o processo de troca mundial de informação, dificultando o processo de globalização, e ainda mais a instituição de uma aldeia global como previa McLuhan (2016).

Primeiro as tribos de Michel Mafesoli (1998), já davam sinais desse processo de fragmentação, e agora as bolhas instáveis e mais seccionadas das comunidades digitais, principalmente, por causa do uso das redes sociais e programações de seleção e distribuição de conteúdos (os algoritmos), parecem reforçar esse processo, no que, possivelmente, poderia inviabilizar uma comunidade global.

Desglobalização e fragmentação: uma tendência?

A Globalização já, a algum tempo, tem dado indícios que não seria apenas um mero processo de fusão de culturas, mas um projeto de imposição de modelos artificiais de cultura e de exploração econômica, nesse sentido concordando, tanto com a Escola de Frankfurt (ADORNO e HORKHEIMER, 2000) quando observa o efeito dos meios de comunicação de massa, quanto com Milton Santos, que em seu livro *Por uma outra Globalização* (2001), quando desenvolve uma crítica ao processo de globalização, como sendo desequilibrado, impositivo, e diria, injusto. A globalização, segundo Santos (2001) compartilha a miséria, as doenças, ou seja, os males, e não as riquezas, nem tão pouco favorece uma troca de representações entre culturas de maneira equilibrada, mas sim, impositiva e artificial.

Dessa forma, Santos (2001) não divide a mesma visão iluminista, inspirada pela influência do funcionalismo norte-americano, de que os meios de comunicação estariam produzindo uma sociedade global mais justa. Nesse sentido, discorda da visão de McLuhan (2016) de que os meios de comunicação estariam criando uma sociedade global baseada na coletividade que se observava nas relações tribais: uma aldeia global.

Entende-se como aldeia global, de acordo com McLuhan (2016), um estágio de organização social e cultural que a sociedade atingiria devido ao uso dos meios de comunicação, principalmente os meios elétricos e seus desdobramentos: meios de comunicação de massa e meios digitais (incluindo, e com posição de destaque, a internet e as redes sociais). Claro que McLuhan (2016) não conviveu com a revolução dos meios digitais, pois falecera antes. Essa inclusão dos meios digitais nessa análise, é por conta desse artigo, mas, também, é baseada em outros teóricos que analisam essas transformações mais recentes, entre eles, Henry James (2015) e Manuel Castells (2003).

Na visão de McLuhan (2016) os meios se dividiriam em tribalizantes e destrribalizantes. Essa classificação está ligada ao conceito de tribalização, como dito antes, e que alguns deles (os meios elétricos e seus desdobramentos) teriam o potencial de produzir um efeito de valorização da coletividade e a criação de uma sociedade global que se aproximasse às qualidades de uma tribo: a aldeia global. Porém, nesse ponto é que se questiona nesse artigo a projeção de McLuhan (2016), pois ao que parece, concordando com Baitello (2015) e Dugnani (2018). Para Baitello (2015) ao invés de unificação de comunidades e suas culturas, estaria acontecendo o inverso, uma fragmentação. Já para Dugnani (2018) estaria ocorrendo, ao invés de uma globalização, uma desglobalização. De qualquer forma, ambos os teóricos concordam que o processo de unificação de culturas estaria em risco, por isso, acredita-se, para esse artigo, que o projeto da aldeia global de McLuhan (2016) poderia estar se tornando inviável.

Sendo assim, ventila-se a hipótese de que a aldeia global não passe de uma utopia, e que, infelizmente, estaria se assemelhando à projeção positivista de Auguste Comte de que um dia chegaríamos a nos organizar mundialmente em uma sociedade positiva, ou seja, regida pela ciência. Ou, no mínimo, que a aldeia global seria mais uma promessa iluminista não realizada de que a tecnologia libertaria através do esclarecimento o ser humano.

Dugnani (2018) acredita que, o que ocorre no momento pós-moderno, é uma relação paradoxal entre as instituições sociais e a tendência dos meios em ampliar seu alcance espacial, o que produziria, como tem ocorrido historicamente, fusões entre culturas. Na verdade, os meios de comunicação, para o autor, pressionariam a sociedade para o desenvolvimento da globalização e da conseqüente fusão e uniformização das culturas, mas, de maneira contraditória, as organizações políticas estariam criando barreiras, novas fronteiras, que dificultariam esse processo, desenvolvendo uma desglobalização. Nesse panorama, na Pós-modernidade, a organização humana estaria em conflito entre a tendência dos meios em globalizar, e a desglobalização imposta pelas instituições políticas.

Parece que esse movimento contrário entre a pressão globalizante dos meios, e as políticas restritivas e desglobalizantes, deverão ampliar mais a sensação de incerteza, que já é uma marca do sujeito e da sociedade pós-moderna. Os discursos de alguns grupos políticos têm a pretensão de querer conter, de maneira artificial e burocrática, a liquidez da pós-modernidade e seu alto potencial de adaptação. Quem deverá vencer essa queda de braço? Isso, se houver vencedores, pois com toda essa tensão, talvez apenas aumente a incerteza e as contradições se tornem insustentáveis. (DUGNANI, 2018, p. 11)

Já para Baitello (2015) entende que ao invés de uma unificação das culturas, os meios digitais estariam produzindo uma verdadeira pulverização das grandes comunidades instauradas a partir dos meios elétricos e meios de comunicação de massa. Esse processo estaria prejudicando os acordos de convivência social, pois a arena dos meios digitais, principalmente das redes sociais, seria virtual e prejudicaria o desenvolvimento do convívio social presencial, onde haveria um enfraquecimento da alteridade, a qual se contaminaria por barbarismos.

Hoje convém repensá-lo novamente diante das novas formas de sociabilidade que emergem a partir das “comunicações infinitamente facilitadas” (K. Marx e Friedrich Engels). Sobretudo pela pulverização das grandes comunidades em múltiplas “tribos” que se apresentam como comunidades (de usuários), mas não passam de modelos de negócios com as “almas dos fiéis” ou com a “fidelidade das almas” que se vendem e compram em troca de simples imagens, grifes, benefícios potenciais, sorteios de altíssima improbabilidade, por um lado, ou por sistemas de crenças coletivas de natureza religiosa, por outro. O sentimento de pertença e a aparente anonimidade oferecem terreno fértil para a erupção de fundamentalismos e oferecem guarida para a expressão de variantes comportamentais condenáveis no convívio social e secularmente combatidas pelas necessidades da coabitação de um mesmo espaço social, familiar, urbano, civil e planetário. O exercício da alteridade se contamina de barbarismos menores e maiores, pois é praticado ora no reduto do recolhimento individual, sem o espelho da cara do outro e sem a possibilidade de sua não aceitação ser demonstrada na hora e no ato, ora no reduto do recolhimento tribal, étnico, religioso, nacional, sob as bênçãos dos deuses tribais. Normas básicas do convívio civilizado se dispensam, pois não há o convívio presencial, o outro é ora uma imagem, ora um herege, ambos estranhos. (BAITELLO, 2015, p. 18)

Nesse ponto, Baitello (2015) concorda com Byung-Chul Han (2015) no ponto onde se observa na Pós-modernidade um enfraquecimento da alteridade, ou seja, das relações com os outros, justo as que são responsáveis pela organização coletiva da sociedade.

De qualquer forma, o cenário atual da organização da sociedade, discordando da visão McLuhiana, parece não ser favorável a um processo de globalização mais justo e equilibrado, nem, tampouco, à formação da aldeia global, ou seja, de uma comunidade global que imitasse as relações tribais de valorização da coletividade e da convivência próxima de todos os seus indivíduos. O momento contemporâneo, concordando com Baitello (2015), Han (2015) e Dugnani (2018) estaria tendendo a acelerar os processos de desglobalização, de enfraquecimento da alteridade e de pulverização das comunidades.

Interculturalidade: uma opção?

A interculturalidade poderia, através da observação de culturas diversas poderia ser uma opção para reverter esse quadro de “pulverização” das comunidades (BAITELLO, 2015), desglobalização (DUGNANI, 2017)?

Essa pergunta é de difícil resposta.

No entanto, acredita-se nesse artigo, que poderia ser, pois a interculturalidade parte do entendimento das culturas, não a partir de suas diferenças, como afirma Ferrari (2015), mas por suas semelhanças, além de desenvolver uma aproximação entre essas culturas diversas que compõem as comunidades humanas espalhadas pelo mundo.

Os indivíduos e os diferentes grupos diante do cenário a que são expostos produzem respostas distintas ao próprio fato da diferença que, por causa da globalização, parece cada vez mais óbvia. Portanto, hoje as sociedades vão aprender a lidar com as diferenças, mais do que em qualquer outro momento histórico. (FERRARI, 2015, p. 6)

Porém, antes de mais nada, é preciso compreender o que é a interculturalidade.

Primeiramente, é preciso pensar a interculturalidade de maneira múltipla e complexa, ou seja, como um sistema. Como sistema, ela se apresenta não por ser um pensamento único, mas por sua multiplicidade. A interculturalidade, como afirma Ferrari (2015), é ao mesmo tempo um pensamento, e uma ação, um cenário e um sujeito, os quais se apresentam tanto como contexto, quanto influenciadora de mudanças na forma de se entender a cultura e as relações sociais, dentro do quadro de movimentos migratórios e de comunicação global que se observa na Pós-modernidade.

As sociedades e as organizações contemporâneas passam por um dilema intercultural à medida que estão expostas a uma pluralidade de visões sobre diferentes contextos, principalmente decorrentes dos processos de internacionalização que foram facilitados pela tecnologia, pela abertura das economias e pelos processos migratórios. Portanto, o estudo da interculturalidade pode ser comparado a um cenário ou um pano de fundo, que flui e influi no relacionamento das sociedades e organizações dentro e fora de suas fronteiras geográficas. Essa metáfora do pano de fundo, mostra que é necessária a adoção de uma perspectiva sistêmica, em que a cultura e a comunicação são dimensões sinérgicas que não funcionam em separado. (FERRARI, 2015, p.1)

Por causa disso, para compreender melhor o conceito é preciso entendê-la como um sistema, ou seja, formada por vários elementos que a compõem, mas que não se desenvolvem de maneira independente, mas sim, de maneira convergente. Nesse sentido, a interculturalidade se assemelha muito à comunicação, por sua estrutura sistêmica, assim como são ideias entrelaçadas, pois uma, na verdade, se compõem na relação com a outra: as culturas, e, conseqüentemente, as relações entre elas, se constituem através da comunicação, enquanto a comunicação se organiza, a partir das relações sociais inseridas num processo cultural. Por isso, a interculturalidade, ou seja, o pensamento intercultural, é expressa pelo seu componente estruturante: a comunicação intercultural.

A comunicação intercultural pode ser entendida sob vários ângulos, tanto no âmbito global da sociedade, quanto naquele mais focalizado em ambientes específicos como a comunicação que acontece entre instituições e organizações e diversos países. Essa comunicação adquire um papel cada vez mais importante no contexto da globalização e das transformações mundiais que caracterizam nossa realidade de hoje. Com o desenvolvimento tecnológico, a globalização da economia e a superação das fronteiras, há uma migração generalizada da população e, conseqüentemente, um avanço do multiculturalismo. Faz-se necessário aprender a trabalhar em conjunto com culturas diferentes e enfrentar novas realidades nos mais diversos campos de atuação. (KUNSCH, 2021, p. 341)

Sendo assim, é interessante entender a interculturalidade tanto como um estudo, quanto uma ação comunicativa.

Como estudo ela é uma forma de repensar e analisar as relações entre culturas, não de maneira hierárquica, elegendo as melhores, ou as piores, mas de maneira a ressaltar suas semelhanças, não suas diferenças, para construir pontes entre elas, e não muros.

Todavia, a interculturalidade não pode propor que uma cultura seja superior à outra, apenas diferentes, em diálogo e em situação. Seria imperioso transitar pela descolonização, para conseguirmos deixar a pluralidade de culturas em paridade, em interculturalidade. (WEISSMANN, 2018, p. 27)

Como ação comunicativa, a relação entre culturas, mediadas, agora, principalmente, pelos meios digitais e globalizantes, pode ser estudada, para que se criem estratégias que possibilitem o desenvolvimento do contato, e, a conseqüente mistura de culturas. Essas misturas entre culturas, as quais, com o avanço tecnológico dos meios, já tem sido produzida durante a existência humana, não ocorrem, em grande parte das vezes, de maneira justa, equilibrada e pacífica, mas sim de maneira hierárquica, etnocêntrica e violenta. Tomem, por exemplo, os processos de colonização e imperialismo, mesmo de conquistas e guerras que se apresentaram na história da humanidade.

Ou seja, pensando a interculturalidade como estudo, ou como ação comunicativa, é importante ressaltar um preceito desse pensamento que se busca desenvolver na Pós-modernidade: ressaltar as semelhanças entre as culturas. Por isso, observar no que as culturas se assemelham, pode ser uma estratégia de aproximação entre elas, tendo em vista que, com o advento dos meios digitais, acelerou-se o processo de trocas entre culturas locais, aumentando, também, a velocidade, tanto do processo de mistura entre culturas, quanto o surgimento, ou melhor, o ressurgimento de uma resposta contrária e preconceituosa na forma de discursos polarizados, do resgate de visões etnocêntricas, do preconceito, e mesmo, da violência. Essa zona de tensão parece surgir devido ao paradoxo constituído na Pós-modernidade entre a pressão globalizante dos meios digitais, que encurtam distâncias, e

posturas desglobalizantes das instituições sociais, governamentais e culturais (DUGNANI, 2018).

Pensando como estudo, ou como ação comunicativa, a interculturalidade, e o desenvolvimento de seus estudos, podem ser uma opção para a sociedade (agora, não mais tribal, não mais uma nacional, e não mais internacional, mas sim global) repensar as relações entre as diversas culturas que compõem o cenário mundial. Afinal, mais cedo ou mais tarde, essa reflexão terá que ser feita, pois com os avanços nas tecnologias da comunicação, as distâncias espaciais e interpessoais vão diminuir, forçando o encontro entre as culturas e a sua consequente mistura, e, para que isso ocorra de maneira mais equilibrada, justa e menos violenta, é preciso se preparar, pois, embora a aldeia global de McLuhan (2016) pareça uma utopia, ela é possível, e pode ocorrer de maneira planejada, desde que as diferentes comunidades e culturas consigam criar estratégias para que isso aconteça. Por isso, a interculturalidade pode ser uma opção viável para o desenvolvimento de uma sociedade global, que possa respeitar a diversidade cultural, se aproximando por suas diferenças, e não criando barreiras, por causa da incompreensão gerada por suas diferenças.

Considerações finais

Para tentar concluir esse debate (diz-se tentar, pois na verdade esse artigo se apresenta mais como uma inauguração, do que o fechamento da discussão sobre as relações culturais mediadas pelos meios digitais) é preciso entender que o mundo vive um processo acelerado de desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação. Esse processo leva a uma consequente aceleração das trocas interpessoais e entre as diversas culturas que compõem o globo terrestre. Esse contato entre elas, inevitavelmente, concordando com McLuhan (2016), tem como um dos responsáveis o avanço tecnológico dos meios, e produzem uma mistura entre elas, criando uma síntese de maneira dialética. Ou seja, o encontro entre culturas, e suas estruturas, muitas vezes, são contraditórias, mas diferentes, leva a criação de uma terceira via que expressará. Essa terceira via, um modelo cultural possível, material e histórico que surge do contato entre outras, não apresenta as características equilibradas de sua união, pelo menos deixará transparecer os indícios delas, inclusive com suas marcas de subordinação e violência.

Por isso, os estudos interculturais podem ser uma opção para esse momento inevitável da mistura entre culturas, os quais já se constituem desde a origem da humanidade, e são mediados, historicamente, pelos meios de comunicação, concordando com os estudos das teorias dos meios de McLuhan (2016). Sendo inevitável o desenvolvimento tecnológico dos meios, e a consequente mistura de culturas, é preciso se preparar para esse processo, para evitar que esse encontro não se torne, como tantos outros, desde a antiguidade, em mais uma imposição forçada ou artificial de modelos culturais, mas sim, uma troca justa entre as culturas que deverão se encontrar cada vez mais.

Por isso, embora pareça ainda utópica a visão de uma só cultura, constituída de maneira justa, colaborativa e equilibrada, e não violenta, ainda não é hora de descartar a possibilidade do surgimento de tal modelo, como a aldeia global projetada por McLuhan (2016). No entanto, concorda-se que a aldeia global pareça uma ideia, não utópica, pelo menos muito distante, principalmente mediante aos últimos fenômenos observados no mundo, como a pulverização de comunidades (BAITELLO, 2015), a desglobalização, o aumento dos discursos polarizados e xenofóbicos, ou mesmo, como um exemplo mais paupável, o brexit, ou seja, a separação do Reino Unido da União Europeia.

Todos esses exemplos parecem dar sinal de que essa união global entre culturas, não será sem conflitos, desigualdades e violência, por isso, é preciso, ou melhor, necessário,

desenvolver estratégias para que esse processo possa ocorrer de maneira mais justa. Por isso, os estudos interculturais se mostram como uma opção para desenvolver ações e reflexões que possam diminuir a tensão causada pela inevitável aceleração das trocas e misturas entre culturas que os meios digitais irão proporcionar cada vez mais num futuro bem próximo. Se a utopia de uma aldeia global quer ser mantida, ou, pelo menos, a busca de aproximações mais equilibradas entre as culturas se realize de maneira mais satisfatória possível, é preciso começar desde já um planejamento, que a interculturalidade pode ajudar a organizar. No entanto, se essas ações não começarem logo, pode-se esperar um aumento da fragmentação, da desglobalização, dos discursos polarizados, preconceituoso e xenofóbicos, bem como, infelizmente, a ampliação dos conflitos violentos entre as diferentes comunidades.

Referências

- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das Massas. (in) LIMA, L. C. **Teorias da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz & Terra, 2000.
- AGAMBEN, G. *Signatura rerum*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BAITELLO, N. (A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo. As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismos). (in). LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, e, KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTELLS, M. *Galáxia Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- DUGNANI, P. Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade). **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-14, maio, junho, julho e agosto de 2018: ID27918. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>.
- FERRARI, M. A. Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios. *Em*: MOURA, C. P; FERRARI, M. A. (orgs.). **Comunicação, Interculturalidade e Organização: faces e dimensões da contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petropolis: Vozes, 2015.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2015.
- KUNSCH, M. M. K. Comunicação Intercultural e Cidadania em tempos de Globalização. *Em*: **A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas** – o caso das Ciências da Comunicação. Minho: CECS, 2017. p. 337-354. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2729>. Acesso em 02 jan. 2021.
- MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix: São Paulo, 2016.
- RODRIGUES, M. C. C. **Indústria Cultural: Teoria da Comunicação ou Teoria da Sociedade?** Intercom. 2015. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1641-2.pdf>.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VIGNERON, J. **Hipertexto, comunicação e construção do saber**. v. 22, n. 34. 2000. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/4316>.

WEISSMANN, L. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542018000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 maio 2021.

